



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

Insubordinações instituintes da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: modos outros de habitar a formação e a pesquisa

Instituting insubordinations of Narrative Documentation of
Pedagogical Experiences: other ways of inhabiting training and
research

Insubordinaciones instituyentes de la Documentación Narrativa de
Experiencias Pedagógicas: otras formas de habitar la formación y la
investigación

Daniel Suárez
Inês Ferreira de Souza Bragança
Juliana Batista Faria

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir as contribuições da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP), como dispositivo de investigação-formação-ação ou *pesquisaformação*, no contexto das pesquisas narrativas e (auto)biográficas. A DNEP assume contornos de um movimento pedagógico na Argentina, no Brasil e em redes latino-americanas de formação docente, favorecendo a escrita, a conversação, a publicação, o debate, a crítica e a (re)construção de saberes, com implicações nos cotidianos escolares, nas dinâmicas curriculares e nas políticas do campo educativo. Interessa-nos discutir os compromissos epistemológicos, políticos, éticos e estéticos que perspectivam modos outros de habitar a Terra, as escolas e as universidades, em insubordinações instituintes. Iniciamos, partilhando movimentos de uma rede de pesquisa que articula pesquisadores latino-americanos, possibilitando uma produção de conhecimento que entretece práticas educativas, culturais, modos de pesquisar e formar, em enredamentos que envolvem conversas, partilhas orais e escritas, em língua portuguesa e em espanhol. Tomando o presente texto, como processo e resultado de mais uma roda de conversa dessa rede, assumimos um modo de dizer e compreender nossas experiências, sem traduções. As narrativas (auto)biográficas do autor e das autoras foram escritas, assim, em suas línguas maternas, retomando caminhos percorridos por cada um com o dispositivo. Finalizamos o artigo com reflexões que discutem os

movimientos de permanente (re)invenção, apontando para posibilidades otras de produção do conhecimento em educação que envolvem viver, narrar, pesquisar e formar em partilha.

Palavras-chave: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Pesquisa Narrativa. Pesquisa Aauto)biográfica.

ABSTRACT

This text aims to discuss the contributions of Narrative Documentation of Pedagogical Experiences (DNEP) as a research-action-training device, in the context of narrative and (auto)biographical research. The DNEP takes on the contours of a pedagogical movement in Argentina, Brazil and in Latin American teacher training networks, favoring writing, conversation, publication, debate, criticism and the (re)construction of knowledge, with implications for daily school life, curricular dynamics and educational field policies. We are interested in discussing epistemological, political, ethical, and aesthetic commitments that envision other ways of inhabiting the Earth, schools, and universities, within institutional insubordinations. We began by sharing movements from a research network that brings together Latin American researchers, fostering knowledge production that interweaves educational and cultural practices, and ways of researching and training, in entanglements that involve conversations, oral and written exchanges, in Portuguese and Spanish. Taking this text as a process and result of yet another conversation within this network, we assume a way of expressing and understanding our experiences, without language translations. The authors' biographical narratives were thus written in their native languages, retracing the paths each one has taken with the device. We conclude the article with reflections that discuss the movements of permanent (re)invention, pointing to other possibilities of knowledge production in education that involve living, narrating, researching and training in sharing.

Keywords: Narrative Documentation of Pedagogical Experiences. Narrative Research. (Auto)biographical Research.

RESUMEN

Este texto busca discutir las contribuciones de la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas (DNEP) como dispositivo de investigación-formación-acción o *investigaciónformación* en el contexto de la investigación narrativa y (auto)biográfica. La DNEP se inscribe en los contornos de un movimiento pedagógico en Argentina, Brasil y redes de formación docente latinoamericanas, que promueve la escritura, la conversación, la publicación, el debate, la crítica y la (re)construcción de conocimientos, con implicaciones para la vida escolar cotidiana, las dinámicas curriculares y las políticas educativas. Nos interesa discutir los compromisos epistemológicos, políticos, éticos y estéticos que vislumbran otras formas de habitar la Tierra, la escuela y la universidad, en insubordinaciones institucionales. Comenzamos compartiendo movimientos dentro de una red de investigación que conecta a investigadores latinoamericanos, fomentando una producción de conocimiento que entrelaza prácticas educativas y culturales, y modos de investigación y formación, en entrelazamientos que involucran conversaciones e intercambios orales y escritos, en portugués y español. Considerando este texto como proceso y resultado de una conversación más dentro de esta red, hemos adoptado una forma de expresar y comprender nuestras experiencias, sin traducción. Las narrativas (auto)biográficas de los autores se escribieron en sus lenguas maternas, recorriendo los caminos que cada uno ha transitado con el dispositivo. Concluimos el

artículo con reflexiones que abordan los movimientos de (re)invención permanente, señalando otras posibilidades de producción de conocimiento en la educación que implican vivir, narrar, investigar y formar a través del intercambio y la conversación.

Palabras clave: Documentación Narrativa de Experiências Pedagógicas. Investigación Narrativa. Investigación (Auto)biográfica.

Enredamentos...

Como pesquisador e pesquisadoras da rede “Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa e (auto)biográfica” (CNPq)¹, falamos português, *hablamos español*, e, muitas vezes, nos compreendemos em “portunhol”. Cada uma, cada um, fala em sua própria língua e com os sotaques das diversas regiões brasileiras, e da Argentina, Colômbia, Equador, México, Uruguai e Peru. Essa rede de pesquisa articula pesquisadores latino-americanos, favorecendo uma produção de conhecimento que entretetece práticas educativas, culturais, modos de pesquisar e formar, em enredamentos que envolvem conversas, partilhas orais e escritas, considerando as narrativas como modo de produzir conhecimento. Tomando o presente texto, como processo e resultado de mais uma roda de conversa dessa rede, assumimos um modo de dizer, dar a ler e compreender as nossas experiências, sem traduções.

O objetivo deste artigo é discutir as contribuições da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP), como dispositivo de investigação-ação-formação ou *pesquisaformação*², no contexto das pesquisas narrativas e (auto)biográficas. A DNEP assume contornos de um movimento pedagógico na Argentina, no Brasil, e em redes latino-americanas de formação docente, favorecendo a escrita, a conversação, a publicação, o debate, a crítica e a (re)construção de saberes, com implicações nos cotidianos escolares, nas dinâmicas curriculares e nas políticas do campo educativo.

Ao seguir, assim, os movimentos que vivemos na pesquisa em rede, em roda de conversa horizontal entre nossas experiências e contribuições teórico-

¹ O objetivo da pesquisa é inventariar, caracterizar e publicizar concepções e práticas instituintes de formação docente, fundamentadas em abordagens narrativas e (auto)biográficas, no âmbito da formação inicial e continuada, no Brasil e na América Latina. Nos anos de 2022 a 2025, foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (<https://pesquisasemrede.wordpress.com/>)

² Tomando como referência a corrente das histórias de vida em formação (Josso, 2010), e os estudos nos/dos/com os cotidianos escolares (Alves, 2010), assumimos a radicalidade que envolve viver, narrar, pesquisar, formar em movimentos indissociavelmente rizomáticos.

metodológicas, partilhamos narrativas (auto)biográficas do autor e das autoras, escritas em suas línguas maternas, retomando encontros e caminhos percorridos com o dispositivo. Cada narrativa traz pistas do que buscamos cartografar com a pesquisa em rede. Como nos movimentos hermenêuticos da DNEP, empreendemos uma tematização que faz emergir dimensões epistemológicas, políticas, éticas e estéticas do dispositivo, apontando para modos outros de habitar a Terra, as escolas e as universidades, em insubordinações instituintes.

Una invitación³

“Queremos que nos ayudes a repensar el currículum, a alejarnos de la reforma” fue la tentadora invitación que me hicieron desde la nueva gestión del Ministerio de Educación. Finalizaba el año 1999, las nuevas autoridades ya se habían instalado en el Palacio Pizzurno y el nuevo gobierno había logrado que los gremios docentes desinstalaran la Carpa Blanca de la Dignidad, bastión de la lucha sindical y popular contra las políticas de reforma educativa neoliberal y tecnocrática del menemismo (Suárez, 2004). Durante el gobierno de Menem, la conflictividad docente había ido creciendo a medida en que se profundizaba la implementación de la reforma, sobre todo a partir de la recesión de 1997. Culminó con 1003 días de huelga de hambre (rotativa) de maestros y profesores, la instalación permanente de la protesta frente al Congreso de la Nación, la reterritorialización de múltiples luchas de resistencia antineoliberal, la adhesión de cada vez más amplios sectores de la población, los medios y la opinión pública, y la renuncia de ministros.

Durante ese lapso, me había comprometido con la crítica de la “Transformación Educativa” y a denunciar, además de su marcado sesgo productivista y mercantil (Suárez, 1995), su inclinación a desacreditar aún más a los docentes, sus saberes, prácticas y discursos. Esa política de descualificación profesional se gestionaba a través de lo que por entonces llamaba “la santísima trinidad” de las reformas educativas tecnocráticas: una ingenieril articulación entre 1) el currículum, entendido tan solo como norma,

³ Narrativa de Daniel Suárez.

prescripción especializada para el trabajo escolar; 2) la evaluación, reducida a la mera medición de la distancia entre desempeño de los alumnos y docentes y los parámetros curriculares, mediante pruebas estandarizadas y sistemáticas; y 3) capacitación, planteada desde la denominada “teoría del déficit”, esto es, como estrategia remedial de las carencias y falencias de los docentes en la enseñanza para el logro de los objetivos del currículum. Y mi empeño estaba puesto en desmontar ese dispositivo de gestión y de control mediante una serie de trabajos y artículos críticos (Suárez, 1995, 1997, 2004).

Apoyaba mis críticas en mis trabajos de investigación en el Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación (IICE) de la Facultad de Filosofía (FFyL) y Letras de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Por un lado, a partir de la inteligencia y sensibilidad etnográficas aprendidas durante mi colaboración en las investigaciones cualitativas y participativas del trabajo docente de Graciela Batallán (2007). Desde entonces sabía que los sujetos de la acción median y producen significados en su vida cotidiana a partir de una activa creación de imágenes y representaciones de sus mundos. Y que las prácticas educativas se singularizan en los territorios múltiples e interpretados de las escuelas. Por otro lado, posteriormente, profundizaba los análisis mediante los aportes conceptuales que arrojaban mis estudios etnográficos en torno del “currículum en acción” de la formación docente, en un grupo coordinado por Cristina Davini, en el que también participaban Andrea Alliaud, Alejandra Birgin y Daniel Feldman como coordinadores de diversas líneas de investigación. El propósito de mi investigación era comprender y documentar cómo ciertas dinámicas micropolíticas y la agencia de los docentes y los estudiantes propiciaban la “localización del currículum” mediante prácticas curriculares situadas y la creación de significados e imágenes que resistían, excedían y redefinían los límites, demarcaciones, alcances y regulaciones universalizantes del currículum oficial o prescripto.

Mi aporte al estudio multidimensional y colectivo, creo, fue tornar visibles las experiencias de formación desplegadas en un instituto de formación de maestros y mostrar las tensiones, reterritorializaciones y recreaciones del currículum provocadas por la participación e innovación semántica de los sujetos de la acción. Tal vez, esta trayectoria crítica y mis estudios etnográficos en el campo del currículum fueron los antecedentes que motivaron la invitación a

coordinar el área de currículum del ministerio nacional. Y también los móviles que me llevaron a aceptarla. El convite aceptado también se combinaba con mi deseo de colaborar a la elaboración de políticas públicas democráticas y participativas en el campo educativo, tal como declamaba en mis textos y exposiciones.

Sin embargo, una vez en el ministerio, la tentativa disruptiva e instituyente que imaginaba se tornó compleja, elusiva, un tanto frustrante. Más allá de las iniciales y persistentes declamaciones contrarreformistas, al compás de la política económica del gobierno, la gestión ministerial se apoyó de manera decisiva en lo que venía siendo, no puso en tensión la gramática organizacional de las políticas educativas y reprodujo, con matices, políticas de identidad profesional docente que reducían la tarea de los enseñantes a la mera recontextualización de lo que producían los especialistas y tecno burócratas. Para mi sorpresa, al poco tiempo, me ví repitiendo el libreto tridimensional de la reforma tecnocrática: currículum como norma, evaluación como medición diagnóstica y capacitación como remedio. Por supuesto, a esto se agregaba mi propia inexperiencia en la administración pública, mi desconocimiento de la micropolítica ministerial y mi ignorancia de la pregnancia de la lógica y racionalidad tecnocráticas de la reforma en la estructura, organigrama y perfil técnico de los equipos ministeriales nacional y provinciales. Podían modificarse contenidos y estrategias, las políticas eran más amigables y consensuadas, pero la desacreditación de los docentes continuaba profundizándose, mediante los automatismos, tecnologías y dispositivos propios de una forma particular, ingenieril y vertical de pensar, hacer y evaluar las políticas educativas y curriculares.

A los pocos meses de asumir como coordinador nacional, estaba dispuesto a renunciar a mi cargo y volver a la exclusividad conocida de los estudios etnográficos de la escuela y la formación docente, hasta que se abrió una posibilidad inesperada. Decidí explorarla y quedarme. Desde los Centros de Actualización e Innovación Educativa (CAIE) del ministerio, diseñados originalmente como “centros de recursos para la enseñanza”, se habilitó una línea de trabajo dirigida a recuperar en cada provincia de Argentina la memoria pedagógica de las escuelas. Vi en esa iniciativa, un tanto marginal respecto del currículum - al menos tal como se lo entendía por entonces -, una oportunidad

para involucrar la participación de maestros y profesores en un trabajo singular y colectivo de reconstrucción situada y de documentación de prácticas escolares, algo así como una “memoria pedagógica de la escuela desde la perspectiva de los docentes”. Convencí a mis compañeros y autoridades del ministerio argumentando acerca de la importancia de interpelar y convocar a los docentes como sujetos de acción pedagógica y de lo estratégico de autorizar su participación en la “construcción escolar del currículum”. Vinculé parte de mi área de trabajo con la coordinación de la Red CAIE y propusimos de manera conjunta una “sublínea de acción” que promoviera que los docentes contaran por escrito historias de enseñanza y publicaran relatos de experiencias escolares como forma de “documentación pedagógica”.

En un principio evaluamos la posibilidad de orientar el trabajo de documentación de los docentes desde una perspectiva etnográfica, o autoetnográfica, pero los tiempos perentorios y ritmos acelerados de la formulación-implementación-evaluación de la política pública y la urgencia por diseñar y desplegar en territorio un dispositivo a escala (las 24 provincias del país) nos hicieron desestimar esa pretensión: no resultaba viable formar a tantos docentes (más de 1000) tan rápidamente (en escasos meses) y con tantas mediaciones (las autoridades y equipos técnicos provinciales, los modos hegemónicos en que se gestiona el currículum, las representaciones autodescalificantes de los propios docentes) en una sensibilidad etnográfica, ni entrenarlos de manera adecuada en el uso de sus recursos, estrategias y técnicas. Esa era, además, una manera solapada de reeditar el modelo descalificante de capacitación que sospecha de la ignorancia, incapacidad e impericia de los docentes y que pretende reparar lo que los docentes no saben, tienen como carencia (en este caso, etnografía). Por eso, forzados por el calendario, la extensión y la cantidad de agentes involucrados, decidimos explorar la vía narrativa y autobiográfica para la reconstrucción del currículum en acción, para que la documentación de los aspectos “no documentados” del currículum vivido, representado y actuado en las escuelas pudieran ser visibilizados, interpretados y puestos en valor mediante “documentos curriculares oficiales escritos por docentes”. Se trataba de invitarlos a hacer aquello que suelen hacer cuando tienen oportunidad y condiciones, en la intimidad del encuentro y la conversación casual entre pares, entre docentes que

dialogan sobre sus asuntos, sus haceres y sus mundos sin las interferencias y automatismos de la máquina tecno escolar y sus dispositivos de control: contar historias de enseñanza, relatar experiencias pedagógicas marcantes e importantes en sus trayectorias profesionales, narrar la vida secreta e intrigante de las aulas. Solo que ahora el convite era hacerlo por escrito, a través de una política pública que se disponía a apelar, multiplicar y potenciar lo que los docentes sí saben, dicen y hacen, mediante ciertas coordinadas metodológicas y operativas orientadas a regular las condiciones de la indagación y documentación, a establecer una estructura de participación horizontal y a ratificar su autoría sobre los documentos curriculares elaborados.

Nos seducía la propuesta de Stenhouse (1985) de entender al currículum como la tentativa de tornar públicamente disponible la experiencia de llevar a la práctica una propuesta educativa, y de abandonar la dicotomía estéril entre currículum prescripto y currículum como práctica. Y pensamos que un camino viable era hacerlo mediante la escritura (y re-escritura reflexiva e indagativa) de relatos de experiencias escolares en colectivos de docentes que narran, leen y conversan en torno de sus historias de escuela. Nuestra pretensión era incorporar las voces, palabras, experiencias, sentidos y saberes pedagógicos de maestros y profesores en el debate público y en el diseño de políticas curriculares que tuvieran en cuenta las formas en que es apropiado y recreado en la vida cotidiana de las escuelas. Fue en el campo de las políticas públicas donde la indagación narrativa y autobiográfica de la experiencia escolar cobró vitalidad y legitimidad como forma de trabajo pedagógico horizontal entre pares y como modalidad participativa de indagación pedagógica.

En mis estudios etnográficos y en los talleres participativos de investigación de la práctica que desarrollé con Graciela Batallán, había utilizado intensamente historias de vida y narrativas autobiográficas de docentes. Solo que, en esas oportunidades, esos materiales narrativos funcionaron como fuentes o documentos personales a ser interpretados por investigadores profesionales, muchas veces sus intrigas se fragmentaron en función de categorías analíticas y casi siempre se confinaron en anexos que garantizaban el anonimato de sus autores. En nuestro proyecto de documentación, los docentes fueron los que indagaron, documentaron e interpretaron sus propias experiencias en las escuelas, fueron reconocidos oficialmente como sujetos de

experiencia, saber y discursos pedagógicos, se erigieron en sujetos de creación curricular que ganan autoría mientras tornan públicamente disponible su experiencia. Fueron 192 docentes coordinadores y más de 1000 docentes narradores los que se involucraron en esta primera experiencia y contribuyeron a que esta inédita política curricular cobrara vida, se difundiera capilarmente en diferentes puntos del campo pedagógico y constituyera la plataforma para ulteriores desarrollos y estudios sobre la articulación entre narrativa, currículum y saber pedagógico.

Más allá de que esa primera experiencia de documentación narrativa en territorio fue un tanto incipiente y experimental (a esta altura podemos decir, también, bastante intuitiva, ingenua), y que fue interrumpida abruptamente por la crisis terminal de Argentina del año 2001 (Suárez *et al*, 2005), constituye un momento liminal para la investigación educativa y la formación de docentes, al menos para la manera en que venía pensando y desarrollando hasta entonces. Ya no podría plantear mis proyectos de la manera en que lo venía haciendo, ni podría diferenciar de manera contundente la investigación de la formación. No resultaba plausible prescindir de la participación de los docentes en la indagación del mundo escolar, la praxis pedagógica y su desarrollo profesional. Que simplemente me dedicara a plantear objetivos informados en teoría, definir un aparato metodológico, seguir rigurosamente sus pasos según una secuencia instrumental preestablecida e inamovible, analizar los datos mediante estrategias extractivistas y presentar resultados mediante los procedimientos estandarizados y criterios productivistas convencionales, resultaba éticamente resbaladizo, políticamente antidemocrático, metodológicamente zozco y epistemológicamente inconducente, estéticamente inocuo y poéticamente pobre. Prescindir de los docentes en la concepción y ejecución de proyectos que involucraran, en un mismo movimiento, la creación de saber pedagógico y la auto- y co-formación no formaba ya parte de mi horizonte como investigador. Ya los docentes no serían, al menos para mí, objetos de investigación, formación e intervención.

De vuelta en el territorio de la investigación educativa, primero en el Laboratorio de Políticas Públicas (LPP) de Buenos Aires, y luego y hasta ahora en el IICE de la UBA, me dediqué junto con otros al estudio y la experimentación con la documentación narrativa de experiencias pedagógicas como dispositivo

de investigación-formación-acción docente participativa (Suárez, 2007, 2011; Suárez *et al*, 2021) y como vía para la revitalización de la pedagogía desde el Sur (Suárez, 2021). En el LPP, durante los primeros años de los 2000, pudimos trazar todo un itinerario de trabajo pedagógico en colaboración con muchas y muy variadas organizaciones del ámbito público y del campo social y educativo (ministerios, sindicatos, escuelas normales, organizaciones sociales, movimientos docentes). Esa cartografía de macro y micro proyectos coparticipados, entramados con el Ministerio de Educación de la Nación, la Secretaría de Educación de la Ciudad de Buenos Aires, el Ministerio de Desarrollo Social y el Ministerio de Trabajo de la Nación, el Consejo Provincial de Educación de Santa Cruz, la Organización de Estados Americanos, el Foro Social y Educativo Paulo Freire, la Confederación de Trabajadores de la Educación de la República Argentina y otros sindicatos docentes provinciales, la Fundación de la Unión de Obreros de la Construcción de la República Argentina, entre otras organizaciones, fue, al mismo tiempo, una oportunidad para el despliegue territorial, a distintas escalas, del dispositivo metodológico de la documentación narrativa; un campo múltiple y fértil para investigarlo mientras lo llevábamos a la práctica junto con otros; una experiencia de con- formación de un colectivo de investigadores narrativos en investigación-formación-acción participativa; y una plataforma para involucrarnos en experiencias conjuntas de intervención pedagógica en el campo educativo de Argentina.

Sin embargo, fue en los Foros Sociales Mundiales y los Foros Mundiales de Educación de 2003, en Porto Alegre, y de 2005, en Sao Paulo, y el Foro Mundial de Educación de Buenos Aires, en 2006, cuando comenzamos a vincularnos, como colectivo de investigadores militantes, con organizaciones sociales y movimientos pedagógicos de distintos lugares del planeta, fundamentalmente de América Latina, y a tramar una red de colaboración, solidaridad, amistad, fiesta, estudio, reconocimiento, co-aprendizaje. Fue en la vibración sensible y colectiva de un tiempo de augurios y esperanza para el Sur terrible de nuestros países, que aprendimos junto con otros, cuerpo a cuerpo, a trabajar en red. Aprendimos red haciendo red. En el Sur. En esos tempranos 2000, aprendimos de los Círculos de Autoformación Docente del Perú, del Movimiento Pedagógico Nacional y la Expedición Pedagógica Nacional de Colombia, del Movimiento Sin Tierra del Brasil, de la Red Iberoamericana de

Docentes que hace Investigación desde la Escuela, de la Red Lectura Escritura y Oralidad de México, de una miríada heterogénea y múltiple de colectivos, redes y movimientos pedagógicos, sociales y comunitarios de muchos países que confluíamos y nos encontrábamos aquí y allá, y que sospechábamos, creíamos, sabíamos, que nos unían lazos subterráneos, contingentes y vitales que tejían un mapa difuso pero potente, creador, singular colectivo. Un entramado que, en esta otra cartografía vivida del Sur, resultó para muchos, y para ese colectivo del LPP, un laboratorio de ideas, proyectos, sueños y agenciamientos. Otro mundo y otra educación eran posibles e intentábamos, con nuestros límites y errores, a que fueran potencia emancipadora, liberadora, insubordinada.

Entre los años 2007 y 2008, tuvimos la oportunidad de enlazarnos con una política pública de formación docente a escala nacional. Diseñamos y coordinamos una nueva experiencia colectiva y en red de documentación narrativa de experiencias pedagógicas, desde el Instituto Nacional de Formación Docente del Ministerio, que involucró a docentes narradores de todo el país, y que nos permitió sistematizar lo que habíamos aprendido hasta entonces, profundizar el alcance de la indagación narrativa de sí y de la propia experiencia de oficio como modalidad de desarrollo profesional docente y afinar el calibre de del itinerario de trabajo horizontal entre pares. Este proyecto, desplegado durante dos años en 15 provincias de Argentina y en el que participaron como coordinadores algunos de los docentes narradores de aquella primera experiencia en el Ministerio, fue la plataforma en la que convergieron nuestros saberes de experiencia, sobre la que pulimos los instrumentos y las estrategias metodológicas del dispositivo y a través de la que rediseñamos los momentos auto y co formativos del itinerario de investigación-formación-acción. Más de mil docentes de todo el país participaron en esa iniciativa que pretendió sacudir la pedagogía de la formación docente mediante la invitación a narrar, indagar, leer y conversar en torno de relatos de experiencia y a conformar colectivos de interpretación pedagógica de los mundos escolares. Emergieron así una multitud de relatos que contaban historias de escuela, aventuras y desventuras de maestros y profesores y las singulares maneras de ser docente en los diferentes lugares y paisajes del territorio nacional.

Ya en el año 2010, los integrantes del equipo que veníamos trabajando como docentes investigadores en la Facultad de Filosofía y Letras de la

Universidad de Buenos Aires creamos un programa de extensión universitaria, la Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas, desde el que pretendimos integrar nuestras tareas y prácticas académicas y conjuntar nuestro trabajo con otros actores y agencias de mundo social y educativo para estudiar, formar y actuar por la vía narrativa en el territorio de la praxis educativa, la experiencia pedagógica y la formación de docentes. La Red viene funcionando vitalmente desde entonces, con diferentes intensidades y ritmos, mediante la concatenación rizomática de una serie bastante heterogénea de “nodos” que, desde diferentes ámbitos institucionales y organizacionales, habilitan y disponen tiempos, espacios, recursos e imaginación para que colectivos de docentes y educadores creen obras pedagógicas que circulan en diferentes circuitos de recepción, conversación y debate. Es el entramado territorial instituyente que teje relaciones de colaboración, co-operación, amistad, reciprocidad y agenciamiento con una gama muy amplia, diversa y plural de territorios pedagógicos, y que dibuja un mapa de fronteras porosas, pregnantas, inciertas, transitables, vivibles.

También en la Facultad de Filosofía y Letras y a partir de las experiencias de investigación-formación-acción docente de la Red, desde el año 2008 comenzamos a desarrollar una línea de investigación narrativa y (auto)biográfica mediante una sucesión de proyectos acreditados en la programación científica de la UBA (UBACyT), con sede en el IIICE. Gran parte de ese trabajo sistemático e intensivo de investigación pedagógica se centró en indagar y documentar nuestra propia experiencia con el dispositivo metodológico en red de la documentación narrativa de experiencias pedagógicas y, más recientemente, en estudiar en profundidad las dimensiones estéticas, poéticas y políticas de la creación singular colectiva de relatos de experiencia y otras narrativas de sí que tiene lugar mediante su despliegue en diferentes territorios y circunstancias históricas. Esos estudios se tradujeron en numerosas tesis y publicaciones y también en cursos y seminarios de posgrado y pregrado en universidades nacionales y de países latinoamericanos. Fue el motivo de muchos encuentros, conversaciones, visitas, estancias, intercambios, con colegas amigos de universidades de Argentina, Brasil, Colombia, México, Chile, Uruguay, Perú, España, Portugal, Francia, Estados Unidos. Una comunidad ampliada y en red de investigadores e investigadoras narrativos y autobiográficos, que piensan la investigación en clave de formación y que hacen formación docente invitando a

narrar la propia experiencia, la propia vida. Redes rizomáticas, descentradas, amorosas e instituyentes que se extienden por América Latina, en las que docentes e investigadores estrechamos lazos de cooperación, recreamos relaciones horizontales y nos afanamos en conocer juntos los detalles, sutilezas y potencias de la vida en las escuelas.

Encontros com a DNEP⁴

Na cantina da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), no ano de 2015, em conversas com a querida Jacqueline Moraes⁵, começamos o delineamento do curso de extensão Encontros de pesquisa-formação: a escrita de narrativas docentes⁶, apostando que “o saber pedagógico instituinte não se circunscreve aos espaços institucionalizados na universidade, mas se produz em uma tessitura de *teoriaprática, reflexãoação*”, indicando, como princípios dos nossos fazeres, “solidariedade, escuta sensível, acolhimento à diferença, relação de horizontalidade entre universidade e escola, dentre outros [...]” (Moraes; Bragança; Santana, 2017, p.10).

Ao tomar como inspiração os Seminários de Investigação-Formação (Josso, 2010), e a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (Suárez, 2011), os encontros incluíram reflexões (com)partilhadas sobre experiências, memórias e narrativas, arte e literatura, escolha de uma experiência pedagógica, escrita, leitura entre pares, comentários, reescritas, encontro para leitura pública e lançamento de um livro com as narrativas.

Foi minha primeira experiência com a documentação narrativa... Retomando as lembranças dos encontros, apesar de afirmarmos, na época, que a DNEP era, apenas, uma inspiração, vejo o quanto vivíamos dos momentos recursivos e, especialmente, dos movimentos *epistemopolíticos* e *teoricometodológicos* desse dispositivo. O professor Daniel Suárez já havia estado conosco no IV Seminário do Vozes da Educação (2010) e, em muitas

⁴ Narrativa de Inês Ferreira de Souza Bragança.

⁵ Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes, professora da FFP/UERJ, nos deixou de forma repentina, fazendo sua passagem em 2019, mas segue intensamente presente!

⁶ Curso, vinculado ao Núcleo Vozes da Educação (FFP/UERJ).

edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. A sua presença, como pessoa, professor e pesquisador, juntamente com outros colegas da América Latina, foi abrindo brechas instituintes de pesquisa e formação docente *outras*, próximas, em territórios que transitamos, habitamos... Argentina, Colômbia, Equador, México, Uruguai, Peru...

Mas, “como cheguei até aqui?”

Compartilho que vivi grande parte da trajetória acadêmica na Universidade Federal Fluminense, na companhia da professora e amiga Célia Linhares. Ela me apresentou outros amigos, outras amigas: Walter Benjamin, Pier Paolo Pasolini, Clarissa Pinkola Estés... Sim, filosofia, arte e literatura, rizomaticamente, fertilizando reflexões e conhecimento em educação. E foi, como parte do grupo de pesquisa coordenado por Célia, que iniciei os diálogos com a Universidade de Évora, onde realizei meu doutoramento.

As experiências com formação inicial e continuada de professoras me levaram a buscar uma racionalidade sensível, estética (Benjamin, 1993), que pudesse tomar a vida em suas complexidades, como *espaçotempo* dos processos formativos. As questões formuladas pela jovem professora iniciante e estudante de pedagogia, aos dezoito anos, foram ressignificadas, reescritas, mas o campo problemático seguiu me acompanhando: *como favorecer movimentos de produção do conhecimento pedagógico e de (trans)formação partilhada que se deem a ver-sentir nos atravessamentos entre as diversas dimensões da vida e dos espaçotempos cotidianos da escola e da universidade?* Além da literatura portuguesa, encontrei autoras e autores francófonos que me deslocaram, encantaram!

Foi uma importante experiência de mergulho na literatura europeia, especialmente, francófona, e, com ela, escrevi e partilhei, na tese e em outros escritos, uma história da abordagem (auto)biográfica, no Brasil, a partir da chegada dessa literatura entre nós, inicialmente, trazida pelos livros organizados pelo professor Antonio Nóvoa. Nos estudos de pós-doutoramento, realizados com os professores Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Guilherme do Val Toledo Prado, voltei-me para a produção brasileira, considerando três grupos de

pesquisa: o Vozes/UERJ, o GEPEC/UNICAMP e o GRUPRODOCI/PUCRS⁷. Conversei com os coordenadores desses grupos⁸ e, com a contribuição dos movimentos instituintes produzidos por cada coletivo, fui tecendo um novo modo de contar uma antiga história.

No Brasil, podemos tomar a vida e obra de Paulo Freire como marco na direção de práticas educativas que consideram a trajetória de vida dos educandos, especialmente jovens e adultos, suas histórias, saberes e narrativas como referências para construção do conhecimento, em uma educação especialmente dialógica. Em seus escritos como professor-pesquisador, encontramos uma escrita reflexiva sobre a própria prática e narrativas (auto)biográficas que partilham as itinerâncias que o levaram à docência. Seu trabalho fertiliza, em meio a resistências políticas e epistemológicas, práticas emancipatórias que colocam foco na vida de educandos e educadores, como sujeitos individuais e coletivos. [...] Entre nós já vivíamos a busca de uma pesquisa feita por professores no cotidiano das escolas e dos sistemas de ensino, por meio de diversos dispositivos para visibilizar narrativas orais e escritas de professores e educadores, seus saberes, suas histórias. Perspectivamos, assim, uma construção paradigmática complexa, incluindo o movimento sóciopolítico brasileiro em diálogo com a literatura estrangeira sobre o professor reflexivo-pesquisador e a abordagem (auto)biográfica (Bragança, 2016, p.195).

Uma história que se fez por aqui, no Brasil e na América Latina, e que já fervilhava em perspectivas outras de *pesquisarformar*, quando recebemos as contribuições da literatura estrangeira. O aprofundamento dos estudos, a partir do Sul, me levaram à tessitura da pesquisa em rede *Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos latino-americanos* (Bragança, 2022) e ao pós-doutoramento com o professor Daniel Suárez, em 2023, na Universidade de Buenos Aires. Com ele e com os companheiros e as companheiras da rede, sigo buscando modos outros de viver, narrar, pesquisar, formar em partilha.

Em 2022, em uma experiência de imersão profunda na DNEP, acompanhando o pós-doutorado da professora Juliana Faria oferecemos uma disciplina eletiva para a graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação

⁷ Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação (FFP/UERJ), Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (FE/UNICAMP) e Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade Narrativas na Primeira Pessoa (PUCRS).

⁸ Mairce Araújo, Guilherme Prado e Maria Helena Menna Barreto Abrahão, respectivamente.

da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), que tomava a DNEP, como tema e modo de pesquisar-formar, ou seja:

[...] buscamos refletir sobre a DNEP fazendo DNEP, o que possibilitou não apenas a escrita das narrativas pedagógicas como a reflexão metanarrativa sobre os movimentos instituintes que aconteceram à medida em que nos aventuramos a pesquisar-formar com a DNEP no contexto da formação inicial docente (Faria; Bragança, 2023, p. 91).

Os encontros incluíram conversas, estudos, arte, literatura e movimentos de escrita mobilizados por diferentes momentos do dispositivo: como cheguei até aqui; carta do abraço; narrativa-presente, e experiência pedagógica inesquecível. Os textos produzidos foram lidos, comentados, reescritos, editados, tematizados, apresentados publicamente em ateneus e publicados em livro (Faria; Bragança; Domingos, 2024)!

Também, como desdobramento da pesquisa em rede, no âmbito da formação continuada de professores, propusemos⁹ o desenvolvimento do dispositivo da documentação narrativa para um coletivo de docentes, junto ao Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (NAED) da região sudoeste de Campinas. O trabalho realizado foi delineando o que temos denominado comunidade narradora em *espaçostempos* de reflexividade narrativa e (auto)biográfica, pelos necessários laços de confiança e reciprocidade (Alvarenga, 2022) construídos nos movimentos de escrita, leitura, edição e publicização de narrativas pedagógicas.

Como cheguei até aqui...

Tempos agitados da vida, vida que insiste, que desafia. Muito trabalho, demandas de afeto e cuidado com minha mãezinha de 80 anos me tomam...

Chego aqui agitada internamente, desejando pausa. Encontro com Guilherme e Renata, com as professoras ao redor da mesa. Cadernos, papéis, lápis. Deixo o celular na bolsa e a bolsa longe, mergulho no tempo de pausa desejado.

Meu aqui é o NAED sudoeste, é a abertura a um trabalho novo, singular.

Cheguei trazendo as oportunidades já vividas de encontro com as escolas de Campinas, com as professoras, com as comunidades escolares.

⁹ O trabalho foi desenvolvido com os professores Guilherme Prado, Renata Frauendorf e Caroline Duarte e as narrativas serão socializadas no dossiê Comunidade narradora em partilha escola-universidade: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas no Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (NAED) Sudoeste, (Prado; Bragança; Frauendorf; Duarte, 2025) com prefácio escrito pela professora Juliana Faria e pelo professor Daniel Suárez.

Cheguei trazendo desejo de partilhas, novas aprendizagens, encontros, diálogos bem brasileiros e, quem sabe, latino-americanos.

Campinas, maio de 2023.

Assim, em meio às itinerâncias, a DNEP me encontrou na travessia, no café que tomei com Jacque, nas conversas e trabalhos (com)partilhados com Daniel, Juliana, estudantes e professores da escola básica e da universidade. A travessia entre São Gonçalo e Campinas, Brasil e Buenos Aires, nos diálogos entre abordagens narrativas e (auto)biográficas, me ensina que os entrelugares podem ser boas habitações em trânsito, especialmente, na companhia de muitos outros... Das experiências vividas, posso dizer que a DNEP materializa o desejo de dar a *ver-sentir-ler* conhecimentos pedagógicos produzidos nos cotidianos da escola e da universidade, em relatos que (bio)grafam a vida e a docência em entrelaçamentos indissociáveis.

Entre Belo Horizonte e Buenos Aires, entre a escola e a universidade: sobre habitar entrelugares com a DNEP¹⁰

Desde a minha pesquisa de doutorado, procuro denominar *escola-universidade* o meu lugar de trabalho: o Centro Pedagógico da Unidade Especial de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formalmente, criado e instituído como colégio de aplicação da universidade.

Não são raras as vezes em que, como docentes do Centro Pedagógico, temos um incômodo com essa expressão – colégio de aplicação –, talvez porque na história de sua criação ela tenha encarnado uma racionalidade técnica da formação de professores na UFMG, podendo ser interpretada do ponto de vista de uma hierarquização dos saberes, que coloca as outras unidades da universidade como “o lugar do conhecimento” e o Colégio de Aplicação como “o lugar de aplicação desse conhecimento”, o lugar onde se testa esse conhecimento, onde se levam adiante possíveis propostas inovadoras de ensino que sejam avaliadas ou validadas por esse conhecimento. Por isso, tantas vezes ao longo desta tese, utilizei a expressão *escola-universidade*. Poderia ser essa uma melhor maneira de expressarmos esse lugar que habitamos como professoras e professores, técnicos e técnicas, da escola (e) da universidade? (Faria, 2018, p. 353).

¹⁰ Narrativa de Juliana Batista Faria.

A denominação *escola-universidade* foi um ato político, uma ação discursiva, reconhecendo que nós, profissionais da educação básica na universidade, experienciamos um entrelugar, um lugar de fronteira, tensões e indefinições, de ser e não-ser professoras de escola, de ser e não-ser professoras de universidade. Trabalhar em um colégio de aplicação implica atuar com ensino, pesquisa, extensão e atividades administrativas, tal como se faz em qualquer unidade da universidade, o que nos diferencia de outras escolas. Implica estarmos imersos na cultura universitária, em seus protocolos, sistemáticas e critérios de avaliação do trabalho e validação do saber que, ali, se produz. No entanto, é o fato de habitarmos, cotidianamente, uma escola de ensino fundamental que nos enraíza em um território com modos de atuação, reflexão e produção de saber que, nem sempre, correspondem às expectativas dos discursos acadêmicos ou sequer são (re)conhecidos por grande parte da comunidade acadêmica. Essas expectativas, também, estão em nós, invisibilizando os saberes que se constroem na prática pedagógica, no trabalho coletivo, nas conversas e nas ações cotidianas de formação de professores. Elas, também, invisibilizam a nossa capacidade de lidar criativa e inventivamente com precariedades, desafios e tensões, cada vez, mais complexos para a educação básica.

Particularmente, no caso da minha pesquisa doutoral, orientada pelos professores Júlio Emílio Diniz Pereira, na UFMG, e Daniel Suárez, na UBA, havia outros entrelugares nos quais eu precisava transitar: entre o meu lugar, como professora orientadora em um programa de formação docente criado e situado em minha escola, e o meu lugar de pesquisadora que investigava esse mesmo programa, entre o meu lugar de trabalho, na escola, e o meu lugar de trabalho na universidade. Eu, literalmente, saía da escola e atravessava a rua para cursar o doutorado na Faculdade de Educação (FaE) da mesma instituição, algo que, também, era considerado trabalho, por ser uma atividade de pesquisa instituída naquele espaço. Na FaE, entretanto, encontrava outro território, com outras possibilidades de discussão, desenvolvimento e validação de uma tese que investigava como os estudantes das licenciaturas da UFMG se formavam no Programa Imersão Docente da minha escola. Foi necessário habitar e transitar por outros tempos e espaços formativos, nesse caso, vinculados ao programa

de pesquisa, ensino e extensão da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA, para que eu reconhecesse esses entrelugares com um distanciamento saudável, que não me imobilizasse na produção acadêmica, e, mais do que isso, para que eu compreendesse que a produção autoral dos habitantes de uma *escola-universidade* (e de qualquer escola) pode ter propósitos, características, critérios de validação e meios de circulação diferenciados daqueles, comumente, reconhecidos pelas universidades. Nesse sentido, afetada pelos princípios epistemológicos, políticos, éticos e estéticos da DNEP, considero que a produção de conhecimento, na tese, se deu na tensão entre o instituído e o instituinte (Linhares, 2007; Linhares; Heckert, 2009), por meio de narrativas que ousaram se diferenciar do modo canônico de se interpretar entrevistas e outras fontes narrativas.

Como a experiência com a DNEP transformou o meu modo de habitar e transitar pela *escola-universidade*? São muitas as transformações, dentre elas, o modo como a minha tese se tornou (auto)biográfica. Destaco, aqui, que essa foi uma experiência, cuja territorialidade se construiu em trânsito, entre Belo Horizonte e Buenos Aires, entre investigar experiências de formação de sujeitos que, também, habitavam e transitavam pela minha escola e aprender a documentar, narrativamente, com professoras argentinas¹¹ de outros territórios, experiências pedagógicas marcantes para o nosso desenvolvimento profissional.

A forma de escrever esta tese reivindica, portanto, um modo de investigar construído por uma professora de uma *escola-universidade* que transitou entre dois idiomas, entre duas culturas que conversaram em sua maneira latino-americana de viver. Em meu jeito português-brasileiro de escrever, em meu jeito espanhol-argentino de escrever e em meu jeito *portunhol* de agora viver. Este é um texto que se deixa personalizar por minha maneira de aprender e ensinar, de sentir e pensar, de refletir, de dar sentido ao mundo da escola que habito e que não deixo de habitar quando passo a investigá-la. Isso significa que me posiciono como pessoa, sujeito histórico e social, capacitada

¹¹ A *vidapesquisaformação* se faz com a colaboração de muitas pessoas e com o amor que se constrói nas vivências em uma comunidade que partilha experiências. É preciso expressar minha gratidão às professoras Agustina Argnani, Cecilia Tanoni, Gladys Zarenchansky, Marina Spiridonov e Paula Dávila, que, junto com Daniel Suárez, foram coordenadoras do curso de DNEP do programa de extensão universitária da UBA, por meio do qual me formei para também atuar como coordenadora. Igualmente, celebro a *vidapesquisaformação* compartilhada com as companheiras do curso: Anabella González, Dalia Daniela Falcón, Lucila Németh, Paula Naveilhan, María Alejandra Paz, Mónica Beatriz Santamaría e Mónica Landolfi.

a produzir conhecimento em estreita relação com minha inserção na realidade que investigo (Faria, 2018, p. 141).

Essa experiência com a DNEP continua reverberando em possibilidades de produção autoral que se enraízam no trabalho coletivo na *escola-universidade*, e no trânsito, em espaços que potencializam a criação de redes de *pesquisaformação*. Ela foi tão marcante que, ao retornar da Argentina, em 2018, passei a colaborar com processos de escrita narrativa de docentes e monitores da minha escola; constituí um grupo de pesquisa na UFMG: o Laboratório de Pesquisa em Experiências de Formação e Narrativas de Si, e me conectei com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada (GEPEC) da FE/UNICAMP, o qual tem larga experiência com processos de pesquisa e formação, envolvendo as narrativas pedagógicas. Em 2022, realizei minha pesquisa de pós-doutorado junto a esse grupo, vivenciando uma experiência profunda de DNEP com Inês Bragança e estudantes da UNICAMP. Pude construir uma compreensão mais ampla do que são as narrativas pedagógicas e perceber que os “relatos de experiência pedagógica”, produzidos na Argentina ou que os “relatos de experiência de formação” produzidos em minha tese são dois tipos específicos de narrativa pedagógica (Faria, 2023). Ao retornar, novamente, para a *escola-universidade*, meu olhar sobre o cotidiano escolar já estava transformado pelas experiências com o GEPEC e com a pesquisa em rede. Ao final de 2023, constituí, nas brechas do cotidiano, um grupo com estudantes das licenciaturas da UFMG, o NarraPID – Narrativas Pedagógicas sobre Imersão na Docência. Uma experiência instituinte, produzida nas entrelinhas do Programa Imersão Docente, para aprofundar a experiência sensível, estudiosa, reflexiva e democrática de produzir conhecimento pedagógico sobre a formação de professores, por meio da escrita, da leitura, da edição pedagógica e da tematização de narrativas pedagógicas produzidas por estudantes (Faria; Prates; Matos; Carvalho, 2025).

A DNEP me potencializa a habitar a *escola-universidade* de uma maneira que busque, por meio da escrita narrativa, o reconhecimento das experiências e conversações que se dão em nosso território, como *espaçostempos* de produção do saber pedagógico. Mas isso não se dá sem tensões com o instituído, ainda que eu esteja em uma instituição que luta para preservar a autonomia docente.

A DNEP parte do princípio de que os participantes possam aceitar um convite e que não sejam submetidos a uma convocação imposta pela instituição. A possibilidade de que se realize (ou se possa recusar) um convite não é comum no interior das escolas e, além disso, em geral, elas dispõem de poucas condições para garantir os cuidados metodológicos necessários para que os docentes possam se dedicar ao processo investigativo-formativo. Por isso, ao se pensar a DNEP nas escolas, é preciso que haja maior cuidado de adaptação ao território, com encontros e/ou incorporação de outros dispositivos que possam mobilizar aos poucos a escrita narrativa compartilhada entre docentes. Ainda que eu esteja em uma instituição que me permite autonomia no trabalho e que eu tenha me formado para coordenar esse dispositivo, posso afirmar que as narrativas produzidas desde meu retorno à *escola-universidade* só se tornaram, realmente, possíveis em função dessas adaptações e, porque, pela força do coletivo, na potência de movimentos instituintes, nos reunimos a despeito de obstáculos que nos impediriam de parar para escrever, conversar, refletir e reescrever nossos textos. Houve vários intentos que morreram na praia por falta de condições para que pudessem prosperar, e sabemos que essas mortes são muito comuns no interior das escolas, mesmo com todo o desejo e a boa vontade dos docentes.

Insubordinações instituintes

As narrativas deste artigo inventariam experiências instituintes (Linhares, 2007) que dialogam entre si, pelas vivências e produções compartilhadas entre o autor e as autoras. Elas configuram não apenas uma memória pedagógica e histórica do dispositivo da DNEP, como também um testemunho de que a produção intelectual latino-americana se tece em redes que intercomunicam afetos, pesquisas, políticas e práticas pedagógicas.

En tiempos de alarde y maximización de los discursos que operan en el sentido de empobrecer la vida cotidiana y las prácticas de la educación pública, Linhares (2007) nos invita a hacer una investigación que permita ver/sentir las potencias, las tácticas y transgresiones inéditas y viables de la vida cotidiana y de la formación. Una investigación que se encarne en la vida, que reconozca los saberes producidos por profesoras y profesores (Suárez; Grangeiro; Murillo-Arango; Bragança; Faria, 2025, p.16).

Com Linhares (2007), assumimos as necessárias insubordinações cotidianas, como movimentos instituintes que, nos cotidianos da vida e da profissão docente, abrem brechas para afirmar conhecimentos pedagógicos produzidos por professoras e professores que documentam o que fazem, comentam, tematizam, coletivamente, colocando para circular uma política de conhecimento insurgente nas escolas, universidades, sistemas de ensino, em contextos de formação inicial e continuada docente.

Daniel Suárez partilhou uma narrativa (auto)biográfica, visibilizando tessituras rizomáticas de produção da DNEP. Em cenários de contraposição ao neoliberalismo e seus rebatimentos sobre a educação, um convite... Assumir um cargo de coordenação no Ministério da Educação na Argentina. O aceite veio como possibilidade de seguir, colaborando com a elaboração de políticas públicas democráticas e participativas no campo educativo. Os trabalhos de investigação qualitativa e participativa, desenvolvidos, a partir da inteligência e sensibilidade etnográficas, já evidenciavam a importância dos sujeitos da ação e afirmavam que as práticas educativas e docentes se singularizam em territórios múltiplos, interpretados e vividos, em micropolíticas entramadas nas escolas e instituições formadoras. No ministério, a tentativa disruptiva e instituinte se manifestou complexa, difícil, frustrante... Era possível modificar conteúdos, estratégias e até produzir políticas mais amigáveis e consensuadas, mas a descrença nos docentes e o modo vertical de pensar, fazer e avaliar as políticas seguia presente. Depois de quase desistir, uma linha de trabalho foi se colocando como oportunidade de favorecer a participação ativa e reconhecida dos professores, em um trabalho singular e coletivo de documentação de práticas escolares, algo próximo de uma memória pedagógica da escola desde a perspectiva dos docentes. Na tessitura do dispositivo, houve o movimento de considerar a vida, o currículo em ação, documentando o vivido nas escolas, produzindo documentos curriculares oficiais escritos por docentes. O trabalho seguiu, assim, como política pública nas províncias argentinas e, posteriormente, em trabalhos vinculados à Faculdade de Filosofia e Letras da UBA, em muitos enredamentos pela América Latina.

Inês Bragança apresentou encontros com a DNEP, inicialmente, na FFP/UERJ, na companhia de Jacqueline Moraes, em movimentos de aproximação e, recentemente, em duas experiências sistemáticas de

pesquisaformação, uma vivida com Juliana Faria e um grupo de dezoito (18) estudantes da graduação, e outra, com Guilherme Prado e Renata Frauendorf, no âmbito da formação continuada na rede municipal de Campinas. Recupera, em sua narrativa, a presença do professor Daniel Suárez, no Brasil, em um Seminário do Vozes da Educação, realizado em São Gonçalo - Rio de Janeiro, e nos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)biográfica, presença que diz de muitos desdobramentos da documentação narrativa pela América Latina, abrindo caminhos para contarmos outras histórias das abordagens narrativas e (auto)biográficas de pesquisa e formação entre nós.

Juliana Faria reconstruiu movimentos vividos na tessitura da sua tese de doutorado, desde o entrelugar da *escola-universidade* – o Centro Pedagógico da Unidade Especial de Educação Básica e Profissional da UFMG, explicitando múltiplos desafios, inclusive, relacionados ao modo como a expressão tradicionalmente utilizada, Colégio de Aplicação, se traduz no (não) reconhecimento do saber pedagógico, produzido na educação básica. Ao trazer dilemas dos habitantes dessa instituição escolar, problematiza as condições de trabalho docente e as possibilidades de tomar a escola como *espaçotempo* de produção do conhecimento e da formação. Partilha, também, a produção da tese, a partir de outros entrelugares, Brasil e Argentina, Belo Horizonte e Buenos Aires. O deslocamento favoreceu o encontro com a DNEP, a pesquisa narrativa e (auto)biográfica com habitantes do seu território e a possibilidade de modos outros de produção do conhecimento em educação.

A roda de conversa, tomada como *formaconteúdo* instituinte da pesquisa em rede, possibilitou a escrita deste texto, como se estivéssemos juntos, tomando um café na UBA, para rememorar como fomos atravessados pela DNEP. Partilhamos lampejos das nossas itinerâncias de vida e enredamentos, assim, demos a ler versões da história do dispositivo, dos deslocamentos que têm produzido em nós e indícios de modos outros de produção do conhecimento em educação, de *pesquisaformação*.

O que a nossa conversação diz sobre a noção de insubordinações instituintes? Que se constituem como movimentos mínimos, abertos, como alegorias benjaminianas, geridos pelo desejo de plenitude do tempo *aion*, tecidos coletivamente, habitando entrelugares. Nesse sentido, a noção se aproxima dos inéditos viáveis em Freire (1992), e das táticas, em Certeau (1998), bem como

dos lampejos em momentos de perigo (Benjamin, 1993). Renunciando ao controle sobre a produção do conhecimento, da experiência e da formação, deixamo-nos atravessar pela alquimia dos encontros, de onde pulsam energias que insistem em lutar a favor da vida e de uma sociedade justa.

Nesse sentido, a retomada histórica e (auto)biográfica de Daniel Suárez e os encontros partilhados por Inês Bragança e Juliana Faria contribuem para dar a *versentir* a DNEP para além das dimensões que a circunscrevem como método ou metodologia, indicando modos outros de habitar a Terra, as escolas e as universidades, em permanente trânsito, em insubordinações instituintes. Nos interessa pensar a DNEP, como movimento, como disposição ao *cambio*, às (trans)formações que envolvem investigação, formação e ação, em compromissos epistemológicos, políticos, éticos e estéticos.

O dispositivo aponta para a construção do conhecimento que se dá nas escolas e universidades, nas práticas sociais, educativas, pedagógicas e formativas, em uma epistemologia sensível, partilhada, horizontal, inclusiva. Epistemologia, assim, que só se dá a ver, sentir, como projeto político, conforme nos ensina Paulo Freire. A ética, como casa, acolhida responsável dos muitos outros que nos atravessam e nos constituem, em uma estética indissociável *formaconteúdo* de narrativas pedagógicas que dizem, dessa forma, de saberes cotidianos, plurais, insurgentes, produzidos em rodas de conversa, de uma maneira bem latino-americana de viver.

Referências

ALVARENGA, J. G. de M. P. **A Docência Como Percurso De Reconhecimento Intergeracional: A Tessitura Da Reciprocidadeformativa Entre As Histórias De Vida E Projetos Profissionais**. Tese (Doutorado). 2022. 323 f. Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2022. Disponível em <https://grupopolifonia.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/08/doc-20230616-wa0001.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação e Sociedade**, 2010, 31(113), 1195-1212. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400008>. Acesso em: 21 ago. 2025.

BATALLÁN, G. **Docentes de infância: Antropología del trabajo en la escuela primaria**. Buenos Aires. Paidós, 2007.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 253p.

BRAGANÇA, I. F. S. Concepções e práticas de pesquisa narrativa: diálogos entre os núcleos Vozes, Gruprodoci e Gepec. In: GOUDARD, M. T.; BRAGANÇA, I. F. S. **Vozes da Educação 20 anos**: Memórias, Políticas e Formação Docente. Niterói: Intertexto, 2016, p. 193-213.

BRAGANÇA, I. F. S. **Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica**: diálogos latino-americanos. Projeto de Pesquisa, CNPq, 2022.

CERTEAU, M. **Invenção do cotidiano**: as artes de fazer: Petrópolis: Vozes, 1998.

FARIA, J. B. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa**: experiências de formação de sujeitos em imersão docente. Tese (Doutorado). 2018. 385 f. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BA8PTQ> .Acesso em: 09 jun. 2023.

FARIA, J. B. Um Convite à Escrita de Narrativas Pedagógicas. **Pró-Professor**, v. 2, n. 1, 4 dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/proprof/article/view/7059> . Acesso em: 02 mar. 2024.

FARIA, J. B.; BRAGANÇA, I. F. S. Documentação Narrativa De Experiências Pedagógicas no curso de pedagogia: a “carta do abraço”. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 33, p. 89-99, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br> .Acesso em: 02 mar. 2024.

FARIA, J. B.; BRAGANCA, I. F. S. Documentação narrativa de experiências pedagógicas: a tematização como trabalho hermenêutico da pesquisa. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 27, n. 00, p. e025011, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8677357> . Acesso em: 15 jul. 2025.

FARIA, J. B.; BRAGANCA, I. F. S.; DOMINGOS, J. N. D. **De Estudante para Estudante**: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas na Formação Docente Universitária, ed.1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, p.128. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/de-estudante-para-estudante-documentacao-narrativa-de-experiencias-pedagogicas-na-formacao-docente-universitaria/> .Acesso em: 15 jul. 2025.

FARIA, J. B.; PRATES, A. M.; MATOS, G. B. G. de; CARVALHO, G. C. de; COSTA, T. E. A. Oceano, caminho, viagem: uma tematização pedagógica sobre como nos tornamos professores/as (e) narradores/as. **Revista Ponto de Vista**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 01–20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/21281> . Acesso em: 15 ago. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2010.

LINHARES, C. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 16, n. 31, maio.-ago. 2007, p.136-160. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192> .Acesso em: 01 out. 2022.

LINHARES, C.; HECKERT, A. L. Movimentos instituintes nas escolas: afirmando a potência dos espaços públicos de educação. **RevistAleph**, n. 12, 22 set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/38931> .Acesso em: 01 out. 2022.

MORAIS, J. F. S.; BRAGANÇA, I. F. S.; SANTANA, Rodrigo Luiz de Jesus (Org.). **A escrita de narrativas docentes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

PRADO, G. V. T.; BRAGANÇA, I. F. B.; FRAUENDORF, R.; DUARTE, C. (Org.). Comunidade narradora em partilha escola-universidade: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas no Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (NAED) Sudoeste. **Revista Currículo em Ação**, Campinas, SP, 2025, no prelo.

STENHOUSE, L. **Investigación y desarrollo del currículum**. Buenos Aires: Paidós, 1985.

SUÁREZ, D. H. Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las prácticas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. SVERDLICK, I (comp.). **La investigación educativa**: Una herramienta de conocimiento y acción. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2007.

SUÁREZ, D. H. Estudio de caso: El conflicto docente en Argentina (1997-2003). **Proyecto Estudios de los conflictos en los sistemas educativos de América latina**: agendas, actores, evolución, manejo y desenlaces. OREALC/UNESCO, 2004.

SUÁREZ, D. H. Investigación narrativa, relatos de experiencia y revitalización del saber pedagógico. **Espacios en Blanco. Revista de Educación**, N° 31, vol.2, jul/dic, pp. 365-379, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3845/384566614004/384566614004.pdf> .Acesso em: 15 ago. 2025.

SUÁREZ, D. H. O princípio educativo da Nova Direita: Neoliberalismo, escola pública e cidadania. GENTILI, P. (org.). **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SUÁREZ, D. H. Políticas curriculares, prácticas institucionales y formación de maestros: Una aproximación a los procesos de localización y actualización del currículum. **Espacios en blanco. Revista de Educación**, nº7, Universidad Nacional del Centro de la Prov. de Buenos Aires, 1997.

SUÁREZ, D. H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. **Educação em Revista**, v.27, nº 01, p. 387-416, UFMG, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/zWJ9DCWHfgXkpWxWg8RKKYb/?lang=es>.

Acesso em: 15 ago. 2025.

SUÁREZ, D. H.; DÁVILA, P.; ARGNANI, A. y CARESSA, Y. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas**: Una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes. Colección Cuadernos del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación, nº 6. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras / Universidade de Buenos Aires, 2021. Disponível em: <https://iice.institutos.filo.uba.ar/publicacion/documentaci%C3%B3n-narrativa-de-experiencias-pedag%C3%B3gicas>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SUÁREZ, D. H.; GENTILI, P.; STUBRIN, F.; GINDÍN, J. Reformas educativas y luchas docentes en América Latina. En: AAVV, **Una mirada a la educación en América Latina**. México: Fundación para la Cultura del Maestro, Sindicato Nacional de Trabajadores de la Educación, 2005.

SUÁREZ, D. H.; GRANGEIRO, D.; MURILLO-ARANGO, G. J.; BRAGANCA, I. F. S.; FARIA, J. B.(Org.). **Narrativas en redes de investigación-formación** [e-book]. SP: FE/UNICAMP; Buenos Aires: UBA, 2025. Disponível em: <https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/book/narrativas> .Acesso em: 15 ago. 2025.

Editor(a) responsável: Magda Floriana Damiani

Recebido em: 10/11/25

Aceito em: 06/09/26

Daniel Suárez

Professor Titular da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, diretor do Instituto de Investigações em Ciências da Educação e coordenador do Grupo Memória Docente e Documentação Pedagógica, vinculado a essa faculdade. A temática central de suas investigações consiste na análise da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, de modo a aprimorar esse dispositivo, por meio de um enfoque teórico-metodológico que articula narrativas (auto)biográficas, experiências pedagógicas e investigação-ação-formação docente.

 danielhugosuarez@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3388669228190397>

 <https://orcid.org/0000-0001-6636-5174>

Inês Ferreira de Souza Bragança

Livre-Docente na Área de Educação Escolar da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e docente colaboradora do PPGEdu da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela Universidade de Buenos Aires (UBA), Doutora em Educação pela Universidade de Évora-Portugal, Mestre em Educação e Pedagoga, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Seus trabalhos tematizam a formação docente, em suas políticas e práticas, e a abordagem narrativa e (auto)biográfica como modo de viver, pesquisar e formar em partilha.

 inesfsb@unicamp.br

 <http://lattes.cnpq.br/3676732863480672>

 <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>

Juliana Batista Faria

Doutora em Educação, professora de Matemática e pesquisadora do Centro Pedagógico da Unidade Especial de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais. Concluiu pós-doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Coordena o grupo NarraPID – Narrativas Pedagógicas sobre Imersão na Docência. Seus temas de interesse são: pesquisa (auto)biográfica e narrativa em educação, formação de professores e educação matemática.

 julianabatista@ufmg.br

 <http://lattes.cnpq.br/2909587069721689>

 <https://orcid.org/0000-0003-1315-0094>